

NOTAS

De um modo geral, primo, tudo vai bem, e junho entrou suave, com dias de névoa tênue e sol alegre.

Eu tenho trabalhado muito, o que não é boa coisa; mas sempre me sobra algum tempo, ainda que raro, para atividades meritórias como esta, que ora lhe relatarei de uma volta pelo Passeio Público às quatro horas da tarde. Está ali, expondo ao ar livre, um pintor de quadros sacros. Sacros, mas não para nós, e sim para a gente da macumba. Aquiri um indio Ochosi, de flecha e capacete, que é igualzinho ao Joel Silveira.

O pintor é um preto velho chamado Paulo Pedro Leal, filho de pai africano, criado na verdadeira lina de Gegê Nagô. Ele mesmo se intitua "pintor espiritual", e anuncia, num cartaz, que faz quadros para terreiros e liras de Umbanda, e seitas Orixalá, Congo, Guiné e Angola, Masukura e outras.

Além disso há este aviso: "faz se ochês para orixá". Faz também imagens de santos cristãos, e retratos de quem quiser. Enfim, é um artista, e um homem simpático.

As árvores do Passeio continuam belas, mas sempre haverei de ter saudade do pequeno aquário que havia ali, e tiraram; foi pena, era bom a gente fazer uma visita à cartaruga, aos camarões vibrantes e ao imenso mero de boca aberta.

O importante de tudo é uma certa amendoeira que não está no Passeio, mas um pouco além, perto da estátua do marechal Deodoro. Está junto de muitas outras, mas chama a atenção pelo desenho mais perfeito e a copa mais horizontal, cheia de folhas amarelas e ruivas. Essas folhas estão caindo em homenagem ao outono. Sentei-me num banco e me pus a cronometrar a situação, tendo concluído que a dita amendoeira está perdendo, em média, três folhas por minuto. Caso não haja fortes verdavais, e levando em conta que esse ritmo tende a se apressar e apressar, embora grosseiramente, o número de folhas supérstites, imagino que dentro de três dias ela deve estar perfeitamente nua. Depois de cumprida essa tarefa (você sabe, primo a Prefeitura não pode fazer tudo, é preciso que os cidadãos presentes colaborem) dirigi-me para a lina onde há um "show" muito interessante, e lua no mar, e ali conheci Jacqueline Mareau, que é a mais graciosa dessas moças que dançam na companhia do Marquês de Cuevas, e antes fez parte do Ballet de Champs Elysées. Ela deu-me notícia daquela pessoal, Babillé, Nathalie, mas contou que Danielle Darmanac, aquela comprida, de cabecinha pequena, você se lembra, que fazia papel de esfinge e naquela história de circo se entregava a mil maravilhosas acrobacias — está agora dançando no "Nouvelle Eve", que é um cabaret de Pigalle. Achei a coisa triste, ela devia estar em um "ballet"; mas se eu fosse Piton do "Vogue" ou de outra "boite" logo mandava contratar essa moça, que é uma delícia de graça e agilidade.

Mas nem só de árvores e ballatinas vive a crônica. A notícia, primo, com uma notícia muito boa, que é a nomeação para o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos na vaga do saudoso Murilo Braga, dessa excelente composição de cultura, trabalho, caráter e bondade que é o pequeno e simples baiano Afécio Teixeira. E adeus.

R. B.

5/6/52